

Dona Maroca

Minha avó paterna
E seus óculos pesados
Comprados
Com o adjutório dos amigos.

Minha avó míope
Enxergando distante
A sapiência do tempo
Morando em seus ossos.

Minha avó e sua casa branca
Na curva da estrada
Seu pé de manacá
Seu pé de açucena
Perfumando a vida dos passantes.

Minha avó mestra
Ensinando a nora a costurar
A máquina soberba
Na sala de estar
A coisa mais preciosa da casa.
Os carretéis, a carretilha, a lançadeira
Objetos e nomes
Exclusivos da casa da minha avó.

Minha avó pobrezinha
E sua grande mesa nua
Sem toalha bordada
Sem travessa
Nem compoteira
Sem sequilhos de goma
Nem doces em calda
A vida sem açúcar
E sem canela.

Minha avó benzedeira
Costurando o nervo rendido
Do vaqueiro, chapéu na mão,
Constrangido.
O relato reticente: o boi, a corda, a marrada
A virilha machucada.
Três dias de reza, receita da minha avó
Para se seguir à risca.
Os dedos ágeis da minha avó
Os lábios sibilando preces
Os olhos do vaqueiro inundados de fé.

Minha avó e seu joanete

Minha avó e seu geno valgo
Minha avó e seus óculos pesados
Minha avó e sua dentadura postiça
Sorrindo
Falando
Abençoando.

Zélia Sales, em texto publicado na coletânea do XX Prêmio Ideal Clube de Literatura – Prêmio José Telles. Organização e introdução de Carlos Augusto Viana. Menção Honrosa. – Fortaleza: Tipoprogresso, 2018.